

GRAMÁTICA E DISCURSO: o texto narrativo em análise

GRAMMAR AND DISCOURSE: the narrative text under analysis

Michele Denise Silva
(Universidade Federal de Goiás - UFG)

Vânia Cristina Casseb Galvão
(Universidade Federal de Goiás - UFG)

Resumo: Este artigo tem como temática a relação gramática e o discurso no ensino de língua portuguesa. Desse modo, temos como objetivo analisar como as noções discursivas de figura e fundo, a inserção de vozes e de marcadores temporais contribuem para a composição do texto narrativo. A fundamentação teórica é de natureza funcional e parte da compreensão da língua como um instrumento de interação social, cuja a estrutura maleável, sujeita às pressões do uso, e da gramática como uma representação cognitiva moldada também pelo uso. Embasadas por essa perspectiva teórica, analisamos o texto narrativo breve do autor consagrado de nossa literatura, a saber, *A lanterna*, de Carlos Drummond de Andrade. Também traçamos perspectivas para o ensino de língua portuguesa a partir da habilidade de análise linguística/semiótica previstas na Base Nacional Comum Curricular, do ensino fundamental (BRASIL, 2017). Em síntese, o estudo revelou que a gramática e o discurso estão de fato entrelaçados e que essa visão pode ser utilizada na sala de aula a fim de proporcionar um ensino mais produtivo e significativo de gramática.

Palavras-chave: Gramática. Discurso. Narrativa. Ensino.

Abstract: This article focuses on grammar and discourse in Portuguese language teaching. Our objective is to analyze how the criteria of figure and background, insertion of voices and temporal markers contribute to the composition of the narrative text. The theoretical foundation that supports is linguistic functionalism, which understands that language is a communication tool with a malleable structure, subject to the pressures of use and grammar as a cognitive representation also shaped by use. On the basis of theoretical perspective, we analyzed the brief narrative text by renowned author of our literature: *A lanterninha*, by Carlos Drummond de Andrade. We also outline perspectives for the teaching of the Portuguese language from the linguistic/semiotic analysis skills of the Base Nacional Comum Curricular, from elementary school (BRASIL, 2017). In conclusion, the study revealed that grammar and discourse are indeed intertwined and that this perspective can be used in the classroom to provide productive and meaningful grammar teaching.

Keywords: Grammar. Speech. Narrative. Teaching.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo tem como temática central a relação gramática e discurso, compreendendo que o texto narrativo é uma construção no nível do discurso. Desse modo, temos como problemática a seguinte questão: “como os domínios discursivos de figura e

fundo, a inserção de vozes e de marcadores temporais contribuem para a constituição da narrativa como uma construção no nível do discurso? Isto é, entendemos que esses fenômenos são intencionais e fundamentais na organização do texto narrativo, influenciam no nível do discurso e na construção sintática do texto, pois através de determinadas escolhas o autor pode criar o efeito de sentido desejado em seu texto.

Sendo assim, temos como objetivo descrever e analisar quais estratégias linguísticas são usadas para lançar luz sobre os eventos principais (figura) num texto narrativo e quais estratégias linguísticas são usadas para compor o cenário (fundo) da narrativa; verificar a maneira e a finalidade da inserção de vozes na construção global do texto e, ainda, analisar algumas propriedades textuais e discursivas dos marcadores temporais. Estes elementos fazem parte da cadeia semântica e composicional do texto, contribuindo como encadeadores coesivos de fatos e eventos, e para a progressão referencial e temática do texto.

Nossa base teórica é a linguística funcional, a qual compreende a língua como um instrumento de comunicação não autônomo, mas de estrutura fluida e sujeita às pressões do uso e, por isso, deve ser analisada “do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

Ademais, entendemos que a gramática é uma estrutura em constante mutação e que “há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente” (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

Nesse sentido, a sintaxe precisa ser estudada e analisada juntamente com a incorporação da semântica e da pragmática, e a partir dos usos em situações reais de comunicação.

A partir desse embasamento teórico, realizamos uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, na qual analisamos o texto narrativo breve: *A lanterna*, de Carlos Drummond de Andrade.

É válido ressaltar que há outros estudos com os critérios aqui escolhidos, tais como, Nascimento (2009), que teve como objetivo analisar a transitividade e os planos discursivos (figura e fundo) na combinação entre orações hipotáticas adverbiais causais e suas respectivas orações-núcleo, e Moura (2016) que analisou quais são os marcadores temporais constitutivos dos processos de referenciação em narrativas orais da Amazônia.

Contudo, esta análise se diferencia das anteriores, devido aos critérios considerados pertinentes para compreender a relação gramática e discurso desse tipo de texto narrativo, a

saber figura e fundo, inserção de vozes, marcadores temporais, a fim de oferecer uma possibilidade a mais de estudo desses textos em sala de aula de língua portuguesa. Essa proposta vai ao encontro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito a habilidade de análise linguística/semiótica relativa ao ensino fundamental.

Desse modo, a contribuição deste estudo é relevante, pois apresenta uma proposta de análise de textos narrativos, embasada na literatura funcionalista, além de demonstrar como a relação gramática e discurso pode ser abordada em cumprimento das diretrizes propostas na BNCC do ensino fundamental (BRASIL, 2017).

Portanto, para atender a esta proposta, este artigo se organiza a partir de uma seção teórica, uma seção voltada para metodologia de análise, seguida da análise propriamente dita das narrativas eleitas à luz dos critérios antes mencionado e, por fim, algumas considerações finais.

1 Princípios teóricos: figura e fundo, inserção de vozes e marcadores temporais no texto narrativo

Ancorados nos pressupostos da linguística funcional, compreendemos que a língua é um instrumento de comunicação não autônomo, sujeito as pressões do uso e, por isso, deve ser analisada dentro de um contexto efetivo de uso, considerando os fatores pragmáticos e discursivos nas análises gramaticais.

Desse modo, a gramática é concebida “como uma representação cognitiva moldada pelo uso linguístico e possuidora de estruturas estáveis, pois são as interações que fazem as estruturas linguísticas se estabilizarem ou mudarem” (SILVA, 2017, p. 21). E ainda que a “gramática e discurso estão entrelaçados e coatuam em mútua dependência, sendo um (re)modelado pelo outro” (FORD et al, 2003; DU BOIS, 2003b *apud* CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p.20). Um exemplo de como a gramática e o discurso se manifestam no texto é a estruturação do discurso indireto, que representa a fala de alguém, por meio de orações subordinadas substantivas.

Hopper e Thompson (1980 *apud* NASCIMENTO, 2009) mencionam a alta correlação existente entre o discurso e o grau de transitividade de uma sentença, tendo em vista que o maior ou o menor grau de transitividade é estipulado pela maneira como o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos e, ainda, se está de acordo com sua percepção das necessidades do seu interlocutor. Nascimento (2009) diz que pela

transitividade oracional é possível observar como o falante organiza seu discurso, como diferencia aquilo que é central do que é periférico. Nesse sentido, as orações que apresentam uma alta transitividade “assinalam a porção central ou dão sustentação ao texto – o que chamamos, em termos de planos discursivos, de figura – enquanto a porção periférica ou com baixa transitividade corresponde ao fundo” (NASCIMENTO, 2009, p. 31).

Segundo Givón (2011 *apud* ARAUJO; FREITAG, 2012, p. 59), “os planos discursivos figura e fundo são estratégias perceptuais/conceituais que refletem a forma como os humanos percebem e interpretam o universo”. Para o autor, essas noções de figura e fundo vêm de um princípio geral relacionado à percepção e à cognição humana no qual o sistema de comunicação e processamento da informação é fundado.

Desse modo, mais especificamente, figura “corresponde à parte que apresenta os eventos ordenados numa sequência temporal fazendo que a história avance. Trata-se dos eventos indispensáveis para a narrativa” (HOPPER, 1979, *apud* ARAUJO; FREITAG, 2012, p. 58). A figura apresenta uma ordem icônica, isto é, a mesma ordem sequencial que os fatos ocorreram no mundo real. Já o fundo “apresenta descrições de estados, explicações, elaborações, comentário avaliativo, etc. e que contextualizam as ações de figura, ajudando a compô-la com mais nitidez” (HOPPER, 1979, *apud* ARAUJO; FREITAG, 2012, p. 58). Os eventos de fundo concorrem simultaneamente à figura, ampliando-os e/ou comentando-os.

Para exemplificar, analisamos o seguinte trecho do texto *A lanterna*: “Apaguei todas as luzes, e não foi por economia; foi porque me deram uma lanterna de bolso, e tive ideia de fazer a experiência de luz errante”. As passagens “apaguei todas as luzes”, “porque me deram uma lanterna de bolso”, e “tive ideia de fazer a experiência de luz errante” ordenam os eventos narrados em uma sequência temporal e, por isso, são elementos indispensáveis para a narrativa, constituem plano de figura. As demais informações constituem plano de fundo.

Esses dois planos atuam de modo complementar na constituição discursiva, uma vez que a figura depende do fundo para caracterizá-la. Além disso, compreendemos que esses dois planos estão em um *continuum*, em uma hierarquia de planos, em que o fundo do tipo um está mais próximo da figura e o fundo do tipo cinco mais distante.

Nesse sentido, aquelas orações que trazem informações sobre o espaço, os personagens e as suas falas constituem o fundo um. O fundo dois é constituído pelo tempo, modo e a finalidade das ações. Já o fundo três é composto pelas ações. O fundo quatro pelas

relações de causa, adversidade, dentre outras e o fundo cinco se constitui pelas opiniões, dúvidas do falante. Nas palavras da autora,

o nível mais próximo da figura (Fundo 1) engloba cláusulas que dão informações concretas sobre o evento, como a apresentação do evento, do cenário, dos personagens e de sua fala; o Fundo 2 especifica tempo, modo e finalidade; o Fundo 3 especifica referente, processo/ação; o Fundo 4 especifica as relações de causa, consequência e adversidade; por fim, o Fundo 5, mais distante da figura, apresenta interferências do falante no evento, como opinião, dúvida, resumo, conclusão e canal (SILVEIRA, 1990, *apud* FERREIRA, 2015, p. 60).

Em relação a essa hierarquia, destacamos a apresentação da fala das personagens por meio do discurso direto, ou seja, da inserção da voz real do personagem. Geraldi (1997) menciona que isso pode acontecer por ser uma espécie de ressalva, argumento de autoridade ou, ainda, uma operação de explicitação de força ilocucionária com avaliação.

Além disso, a introdução da fala do outro pode ter diferentes finalidades: sugerir, explicar, comentar, informar, contar, induzir e isentar-se. Antunes (2007) afirma que todos os usuários da língua precisam saber o que incorporar de maneira explícita ou não dos outros textos e que isso é algo bastante comum ao falarmos ou escrevermos, porque o nosso texto está sempre ancorado em outros que nos antecederam. A autora ainda afirma que “saber explicitar essa palavra anterior, ou até mesmo apenas sugerir uma alusão a ela, representa uma habilidade comunicativa bastante relevante” (ANTUNES, 2007, p. 51).

Sousa (2019) nomeia essa inserção de vozes como a construção linguística da polifonia textual. A autora nos diz que essa polifonia está “associada à habilidade de contar e de gerir as vozes no texto, citando a fala das personagens, marcando fronteiras entre contar e dizer, assinalando quem diz a quem, explicitando o modo como é dito” (SOUSA, 2019, p. 1).

O texto narrativo, muitas vezes, traz essa imbricação de vozes, uma voz que conta, relata, e outra que fala, por isso, “o texto é construído pelo narrador, que à sua voz junta a voz de outros locutores, relatando o seu discurso” (SOUSA, 2019, p. 2).

Por exemplo, a inserção do discurso indireto em um texto escrito pode se dar através da oração subordinada substantiva objetiva direta. Neves (2018) menciona que dentre os verbos que têm complemento objeto direto oracional, há os verbos de elocução, isto é, verbos introdutórios de discurso e o complemento aparece com o verbo no indicativo, subjuntivo e/ou infinitivo, como exemplo, a autora cita “Tia Cleonice gritou que mamãe estava me chamando” (NEVES, 2018, p. 1104).

As vozes, em um texto narrativo, também podem estar presentes por meio do discurso direto, a fala de outrem e/ou dos personagens. O discurso direto pode ser definido por recursos gráficos e linguísticos. “Ao nível gráfico, o discurso direto introduz uma segmentação em relação ao discurso narrado: marcação de parágrafo, uso de aspas, traço, dois pontos (...)” (SOUSA, 2019, p. 3). Linguisticamente, no discurso direto há uma ruptura enunciativa que acontece pelo “verbo introdutor de discurso, identificação de quem fala, do que diz e para quem fala” (SOUSA, 2019, p. 3). A autora ao comparar o discurso direto com o indireto diz que a

marcação do discurso direto visa a transposição fiel da palavra das personagens e inscreve-se, por isso, num sistema dêitico de construção da referência, já o discurso indireto tem a ver com construção anafórica da referência. Além dos marcadores dêiticos ou anafóricos (tempos verbais, pronomes – pessoais, possessivos, demonstrativos – adverbiais, etc.), do ponto de vista sintático, no discurso direto a estratégia utilizada é de parataxe, e no discurso indireto recorre-se à subordinação (SOUSA, 2019, p. 5).

Quanto aos marcadores temporais, por exemplo, tem-se que são usados para demarcar as ações, situações e/ou eventos relativos às entidades mencionadas. Moura (2016) diz que

os fatores temporais têm a incumbência de contextualizar fatos e eventos, além de pontualizarem de maneira mais assertiva a presença do locutor no que se refere à forma de localização temporal da atividade discursiva que está sendo mobilizada, de maneira que o leitor/ouvinte/interpretante também possa compartilhar(de)/compreender o(trans)curso lógico-temporal, consoante princípios de aceitabilidade, através do que o produtor consegue dar sentido ao texto, “retirando-o da abstração” e imprimindo-lhe uma referência locativa relacionada com a dinâmica do mundo biossocial (MOURA, 2016, p. 271).

É por meio dessa marcação temporal que se tem uma cronologia interna, que se estrutura tanto pelo contexto, antes e depois da palavra dentro do texto, quanto pelo contexto, a situação pragmática, na qual a narrativa está inserida. Pelo uso de marcadores os fatos e as personagens são situados na narrativa e a sequência temporal linear é feita de maneira icônica à ordem dos eventos no mundo.

São exemplos de marcadores típicos de textos narrativos: “um dia”, “desta vez”, “naquele instante”, “no dia seguinte”, “daquele dia em diante”, “depois”, “uma vez”, “certa vez”, “outro dia”, “era uma vez”, “fim”, “foi o seguinte”, “a história começa assim”, “por fim”, “um belo dia”, etc.

Tais considerações a respeito da organização da figura e fundo, da inserção de vozes e dos marcadores dêiticos/temporais auxiliam na análise do texto narrativo selecionado

previamente. A intenção é verificar como esses fenômenos contribuem para a tessitura da narrativa no nível do discurso e de que maneira essa análise coaduna com a BNCC do ensino fundamental.

2 Metodologia

O *corpus* deste estudo é formado por um texto narrativo breve, do autor modernista consagrado da literatura brasileira, Carlos Drummond de Andrade, que domina muito bem as técnicas de articulação narrativa e seu texto pode mostrar a articulação dos planos discursivos.

Carlos Drummond de Andrade pertence a segunda fase do modernismo brasileiro e se destaca na poesia por combinar liberdade formal e preocupações sociopolíticas e na prosa por tratar aspectos cotidianos, que, embora enraizados na cultura local, transcendem para uma dimensão universal, além de ser uma escrita maleável, elástica e moderna.

O texto escolhido para análise é intitulado *A lanterna* e integra a obra “Contos plausíveis”, originalmente publicada em 1981. Esse livro reúne 150 contos de bolso, assim denominados pelo próprio autor, todos são histórias breves, engraçadas, leves e sempre inventivas, cujas temáticas oscilam entre o urbano e o rural, o moderno e o arcaico.

Esta proposta tem objetivos analíticos e também está em consonância com a BNCC do ensino fundamental, no eixo de análise linguística/semiótica que diz respeito aos conhecimentos linguísticos, textuais, discursivos e sobre os modos de estruturação e os elementos de outras semioses. Sendo assim, consideramos que os

procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (BRASIL, 2017, p. 81).

E ainda consideramos que ao tratar da linguagem falada e escrita, a maneira como os textos são construídos envolve aspectos como coesão, coerência e estruturação da progressão temática, os quais são influenciados pela estrutura típica (forma de composição) do gênero em análise.

3 Análise e discussão dos dados

Iniciamos a análise e a discussão dos dados a partir do texto *A Lanterninha*, de Carlos Drummond de Andrade:

A lanterninha

Apaguei todas as luzes, e não foi por economia; foi **porque me deram uma lanterna de bolso**, e **tive ideia de fazer a experiência de luz errante**.

A casa, com seus corredores, portas, móveis e ângulos que recebiam iluminação plena, **passou a ser um lugar estranho**, variável, em que só se viam seções de paredes e objetos, nunca a totalidade. E **as seções giravam, desapareciam, transformavam-se**. **Isso me encantou**. **Eu descobria outra casa dentro da casa**.

A lanterna passava pelas coisas com uma fantasia criativa e destrutiva que subvertia o real. Mas que é o real, senão o acaso da iluminação? **Apurei que as coisas não existem por si**, mas pela claridade que as modela e projeta em nossa percepção visual. **E que a luz é Deus**.

A partir daí **entronizei minha lanterninha em pequeno nicho colocado na estante**, e **dispensei-me de ler os tratados** que me perturbavam a consciência. Todas as noites **retiro-a de lá e mergulho no divino**. Até que um dia **me canse e tenha de inventar outra divindade**.

De um modo geral, o eu lírico nos chama a atenção que a existência de tudo depende de como vemos e internalizamos o que vemos, dando sentido e significado a tudo ao nosso redor, e que com imaginação/fantasia somos de certa forma criadores do mundo à nossa volta, pois fazemos em todo o tempo o processo de construção e desconstrução da nossa percepção das coisas.

Além disso, há um jogo de luz que aparece no conto como um todo, figurativizando o nosso modo de emoldurar o mundo à nossa sua volta. Isso também aparece no *Mito da Caverna*, de Platão (1956), que tematiza a relação entre os conceitos de escuridão e ignorância, e luz e conhecimento. O real somente aparece por meio da luz que nós projetamos, podendo ser essa luz nossos pensamentos e imaginação criativa, visto que somos portadores destas forças capazes de construir e darem significado às coisas ao nosso redor. Construímos e entendemos a nossa realidade na medida em que conseguimos ver de diferentes ângulos, pontos de vista, a realidade posta à nossa frente. Isso acontece no texto na medida em que a personagem vai iluminando com sua lanterna, isto é, ela vai adquirindo conhecimento, vai compreendendo, percebendo a realidade de uma maneira diferente. Além

disso, ao lançar luz sobre uma parte da casa, torna visível uma realidade, sem no entanto excluir possíveis outras (verdades).

Mais especificamente, no texto, o eu-lírico ilumina com a sua lanterninha a sua casa, um lugar conhecido por ele, mas ao receber essa iluminação a casa passa a ser um novo lugar. Isso pode ser percebido pelo fato de ele não usar o pronome possessivo “minha” ao se referir à casa, o que criaria a noção de pertencimento. Ao contrário, ele usa o artigo “a” em referência a esse novo lugar, o que produz o efeito de distanciamento, de algo que deve ser descoberto através de sua experiência de luz errante.

Quanto à constituição discursiva do texto, os verbos de ação constituem porções de figura (em negrito) e dão movimento e dinamicidade ao texto, por exemplo, “A casa, passou a ser um lugar estranho (...) As seções giravam, desapareciam, transformavam-se. Isso me encantou. Eu descobria outra casa dentro da casa”.

Já o fundo dá estaticidade ao texto, ao trazer a descrição do cenário, da casa e da consciência da personagem, através das orações adjetivas, dos adjetivos e das reflexões pessoais.

Um exemplo de fundo é o seguinte trecho: “A casa, com seus corredores, portas, móveis e ângulos que recebiam iluminação plena, passou a ser um lugar estranho, variável, em que só se viam seções de paredes e objetos, nunca a totalidade”.

Já no trecho, “apaguei todas as luzes, e não foi por economia”, há um tipo de fundo quatro, porque há uma especificação de causa e consequência da ação do narrador personagem de ter apagado todas as luzes. No trecho “Mas que é o real, senão o acaso da iluminação? Apurei que as coisas não existem por si, mas pela claridade que as modela e projeta em nossa percepção visual. E que a luz é Deus”, há um fundo do tipo cinco, no qual o eu lírico apresenta a sua opinião sobre a realidade ou não das coisas.

O texto é narrado em primeira pessoa, faz intertextualidade com o *Mito da Caverna*, há uma voz discursiva que tematiza e ironiza a religião, subvertida poeticamente, que trata de Deus/Divindade, estabelecendo uma relação com a ideia da criação do mundo, conforme se observa nos seguintes trechos: “Apurei que as coisas não existem por si, mas pela claridade que as modela e projeta em nossa percepção visual. E que a luz é Deus” e “Todas as noites retiro-a de lá e mergulho no divino. Até que um dia me canse e tenha de inventar outra divindade”.

Quanto à marcação do tempo, o leitor é situado pelas locuções adverbiais e pelas terminações verbais. Por exemplo, o adjunto adverbial “todas as noites” e o verbo no presente indicam que as ações eram rotineiramente repetidas: “Todas as noites retiro-a de lá e mergulho no divino”. Os eventos codificados no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do indicativo fazem a alternância entre eventos *irrealis* e factuais. O primeiro parágrafo inicia com os verbos no pretérito perfeito, “Apaguei”, “foi”, “deram” e “tive”, indicando uma certeza dos fatos narrados e a sua conclusão das ações anterior ao momento de fala. Com a finalidade de localizar as ações no passado e demonstrar duração e repetição, foi usado o pretérito imperfeito: “recebiam”, “viam”, “giravam”, “passava” e “descobria”.

Além disso, a locução adverbial “A partir daí” marca um ponto da situação descrita/narrada em que houve uma mudança de atitude da personagem. De igual modo, o presente do subjuntivo e a locução adverbial “até que um dia” indicam a possibilidade de mudanças futuras: “Até que um dia me canse e tenha de inventar outra divindade”, que assumirá a força motriz de seu pensamento e visão, conferindo sentido e visão do mundo a sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou uma análise de um texto narrativo a partir dos critérios: figura e fundo, inserção de vozes e marcadores temporais. Além de uma análise descritivista, este estudo também colabora com o ensino, uma vez que as ideias aqui enunciadas dialogam com a habilidade: (EF06LP05), que envolve “Identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa” (BRASIL, 2017, p. 171). Essa habilidade é para ser desenvolvida no sexto ano, em todos os campos de atuação: campo artístico-literário, das práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e o campo de atuação na vida pública, e na prática de linguagem de “análise linguística/semiótica”. O professor ao desenvolvê-la trabalha com a gramática do texto, mostrando, por exemplo, como os modos indicativo e subjuntivo juntamente com as locuções adverbiais corroboram para a organização das ideias, realizando assim, um ensino contextualizado que tem como foco central o texto, algo preconizado também pela BNCC.

Nesse sentido, coadunamos com a visão de Rios de Oliveira e Wilson (2015) ao analisar a organização textual de uma narrativa, ou seja, o que é periférico, fundo, do que é central, figura, ou ainda, como que podemos inserir informações para apresentar descrições de

estados, explicações, comentários, opiniões, contextualizar ações que pode ser uma estratégia muito interessante e eficaz para a análise e reflexão sobre a língua e, mais especificamente, sobre o texto narrativo.

Os marcadores temporais atuam também como elementos discursivos estruturantes nas atividades textuais, mais especificamente, nas narrativas esses têm a função de contextualizar fatos e eventos, de pontuar a presença do locutor em relação à forma de localização temporal da atividade discursiva, de modo que o interlocutor consiga compartilhar (de)/compreender o (trans)curso lógico-temporal, os princípios de aceitabilidade, por meio do que o produtor consegue dar sentido ao texto e imprimindo-lhe uma referência locativa relacionada com a dinâmica do mundo biossocial.

E, por fim, o critério de inserção de vozes também é visto como um outro elemento discursivo que atua na tessitura do texto narrativo e que irá influenciar na compreensão global do texto. É por meio do discurso direto e/ou indireto, por exemplo, que o interlocutor terá acesso a outras falas/dizeres literais ou não e isso também influenciará diretamente no arranjo dos elementos gramaticais do texto e seus efeitos de sentido. Além disso, a análise de vozes, principalmente as implícitas, ajuda os alunos a serem críticos, a verem relações intertextuais e interdiscursivas em um texto.

Portanto, evidenciamos por meio desses critérios que a gramática e o discurso são indissociáveis e que a análise aqui exposta pode ser uma possibilidade viável aos professores de língua portuguesa para trabalhar com o texto narrativo a fim de proporcionar um ensino contextualizado e significativo para os alunos do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A lanterna**. 2012. Disponível em: <<http://rapaduracult.blogspot.com/2019/01/a-lanterna.html>>. Acesso em: 04 mar. 2024.

ANTUNES, Irandé. Língua e gramática não são a mesma coisa. In: ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 39-52.

ARAUJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. **O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos: um estudo da atuação do domínio aspectual**. **Signum** Estudos da Linguagem. 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/276232879_O_funcionamento_dos_planos_discursivos_em_textos_narrativos_e_opinativos_um_estudo_da_atuacao_do_dominio_aspectual>. Acesso em: 06 de mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. (2017). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>. Acesso em: 03 de mar. 2024.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categoriais analíticas. In: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Linguística centrada no uso: Uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FERREIRA, Bruna Gois Pavão. Construção relacional: estado, mudança e resultado. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015.

GERALDI, João Wanderley. Análise linguística. In: GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. P. 189-217.

MOURA, Heliud Luis Maia. Atividades de referenciação: o uso de marcadores temporais em narrativas afiliadas ao lendário amazônico. **Cadernos do CNLF**, vol. XX, nº 01 – Análise do discurso, linguística textual e pragmática. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/resumos/simposio/atividades_de_referenciacao_HELIUD.pdf>. Acesso em: 06 de mar. 2024.

NASCIMENTO, Simone Maria Barbosa Nery. Transitividade verbal e planos discursivos: um estudo funcionalista da hipotaxe adverbial causal em elocuições formais. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá. 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.

PLATÃO. 6º ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291 **A República**. Disponível em: <https://www.holos.org.br/assets/materiais/o_mito_mito_da_caverna_a00932df92d5f3cfc8699c93f91e1149.pdf>. Acesso em: 06 de mar. de 2024.

RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela; WILSON, Victoria. Linguística funcional aplicada ao ensino do português. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOUSA, Otilia. **Discurso relatado: construção das vozes do texto por alunos do 2º e 4º ano de escolaridade**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/329459127_Discurso_relutado_construcao_das_vozes_do_texto_por_alunos_do_2_e_4_ano_de_escolaridade>. Acesso em: 06 de mar. 2024.